

# AS CRIANÇAS NAS GUERRAS: UMA DISCUSSÃO PARA O ENSINO SUPERIOR DE GEOGRAFIA

## CHILDREN IN WAR: DISCUSSING THE GEOGRAPHY HIGHER EDUCATION

*Rui Ribeiro de Campos\**

### RESUMO

O artigo trata da ausência de análises, principalmente em aulas de Geografia, sobre o sofrimento de crianças, não somente nos conflitos que ocorrem no mundo - as guerras ou os conflitos tribais -, mas também em razão das injustas estruturas sociais. Destaca o ensino de Geografia Política no ensino superior, coloca letras de algumas canções estrangeiras ou nacionais que podem ser utilizadas para analisar esta questão.

**Palavras-chave:** crianças na guerra - geografia política - letras de canções - ensino superior de Geografia.

### ABSTRACT

This article is about the lack of analysis, especially in Geography classes, about children's suffering not only in world's conflicts - wars and tribe's conflicts - but also due to unfair social structures. It highlights the teaching of Political Geography in higher education, includes lyrics of international and national songs that can be used to analyze this subject.

**Key-words:** children in war - political geography - lyrics - Geography's higher education.

---

\* Graduado em Geografia, Mestre em Educação pela PUC-Campinas, Doutor em Geografia pela UNESP-campus de Rio Claro, e professor na Faculdade de Geografia da PUC-Campinas de Epistemologia da Geografia, Pensamento Geográfico Brasileiro e Geografia Política. [ruicampos@puc-campinas.edu.br](mailto:ruicampos@puc-campinas.edu.br).

A Geografia Política discute aspectos do poder referentes ao domínio do espaço por Estados, por nações e até por pequenos grupos que se apropriam de áreas urbanas nas quais o Estado está ausente. Faz uma discussão sobre as *"relações entre o território e o poder"* (COSTA, 1992, p. 09) ou um discurso centrado no território como objeto e meio do poder. Confunde-se muitas vezes com Geopolítica, que é um estudo interdisciplinar que busca *"o entendimento do poderio mundial (ou regional), dos conflitos e tensões entre Estados ou povos, do equilíbrio instável de forças no âmbito internacional."* (VESENTINI, 2004, p. 09) Alguns autores chegam a dizer que a Geografia *"serve, em princípio, para fazer a guerra"* (LACOSTE, 1988, p. 22), que ela é, antes de mais nada, *"um saber estratégico estreitamente ligado a um conjunto de práticas políticas e militares, [...]"* (Ibidem, p. 23); outros, que a Geopolítica é *"a geografia oficial sem seu costumeiro disfarce"* (MOREIRA, 1981, p. 41), que a Geografia é sempre uma geopolítica ou que a geopolítica é a verdadeira geografia.

As aulas de Geografia Política discutem Ratzel, Mahan, Mackinder, Haushoffer, Spykman, Luttwak, Paul Kennedy, Huntington e até Fukuyama, debatem conseqüências espaciais de conflitos, novas organizações ou blocos que surgem, organismos internacionais e outros, mas não dão destaque às pessoas que morrem em razão desses conflitos. Analisam-nos como um grande jogo de poder em que algumas peças caem e outras não.

Pode-se analisar a *Arte da Guerra*, de Sun Tūn (2000), admirando um texto produzido há quase dois mil e quinhentos anos, sua terrível atualidade, a importância de conhecimentos tidos como geográficos para a sua estratégia bélica. Pode-se ler o livro *Geografia e Política* (MOODIE, 1965), verificar que o objetivo *"do geógrafo político é o de analisar e registrar as bases geográficas das relações humanas sem as quais as sociedades não podem existir."* (MOODIE, 1965, p. 12) e procurar entender o que o autor escreveu. Também verificar que a geopolítica não é uma ciência, que ela *"é uma deformação da geografia"* e que no *"Brasil por exemplo, a geopolítica é o poder."* (CHIAVENATO, 1981, p. 5)

Se desejar um estudo sobre Mackinder e outros, se quiser verificar se Napoleão tinha razão ao dizer que "*A política de um Estado está em sua geografia*", poderá ler a obra de Mello (1999). Ou se quiser estudar a visão de um geopolítico brasileiro durante o governo militar, a leitura de Mattos (1977) poderá ser útil. Não importa o livro, se de geografia do mundo, se de geografia política ou se de geopolítica, os que mais sofrem em razão da ação de governantes estão ausentes. Principalmente as crianças, que sofrem traumas, danos físicos ou perdem a vida em confrontos dos quais de nada sabiam ou tinham dificuldades de entender. Quantos futuros foram abortados? Quantos projetos de vida deixaram de ser realizados? Quantas crianças permanecem vivas mas sem condições de uma existência digna graças às estruturas de poder existentes?

No exercício do magistério talvez pudéssemos alertar os futuros docentes sobre as mudanças necessárias. Cabe-nos insistir que a legitimidade da ciência vem de seu enlace com a vida; é importante mencionar as palavras que Bertold Brecht colocou na boca de Galileu:

Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a cansaça da existência humana. E se os cientistas, intimidados pela prepotência dos poderosos, acham que basta amontoar saber, por amor ao saber, a ciência pode ser transformada em aleijão, e suas novas máquinas serão novas aflições, nada mais. (BRECHT, 1991, p. 165)

Uma outra maneira é tentar sensibilizá-los através de letras de canções populares, ainda que veiculadas pelas grandes corporações de entretenimento. Uma canção pode permitir que pessoas pensem sobre a realidade que as envolve. Algumas músicas possuem uma significação, podem permitir um diálogo com a realidade e por isso elas são, quando têm objetivos definidos, um potencial veículo de educação.

Uma canção francesa de Georges Moustaki, feita em 1973, pode ser utilizada para introduzir o assunto em pauta; é *Déclaration*, gravada por ele na França.

**DÉCLARATION** (Georges Moustaki) / **DECLARAÇÃO** (Georges Moustaki)<sup>1</sup>

Je déclare l'état de bonheur permanent / Eu declaro o estado de  
felicidade permanente  
Et le droit de chacun à tous les privilèges / E o direito de cada um a  
todos os privilégios  
Je dis que la souffrance est chose sacrilège / Digo que o sofrimento  
é um sacrilégio  
Quand il y a pour tous des roses et du pain blanc / Quando existem  
para todos rosas e pão branco.

Je conteste la légitimité des guerres / Eu contesto a legitimidade  
das guerras  
La justice qui tue et la mort qui punit / A justiça que mata e a  
morte que pune  
Les consciences qui dorment au fond de leur lit / As consciências que  
dormem em suas camas  
La civilisation au bras des mercenaires / A civilização nos braços de  
mercenários.

Je regarde mourir ce siècle vieillissant / Eu vejo morrer este século  
envelhecido  
Un monde différent renaîtra de ses cendres / Um mundo diferente  
renascerá de suas cinzas  
Mais il ne suffit plus simplement de l'attendre / Mas não é suficiente  
simplesmente esperá-lo  
Je l'ai trop attendu je le veux à présent / Eu já esperei demais, eu  
o quero agora

Que ma femme soit belle à chaque heure du jour / Que minha  
mulher seja bela a cada hora do dia  
Sans avoir à se dissimuler sous le fard / Sem ter que se dissimular  
sob a maquiagem  
Et qu'il ne soit plus dit de remettre à plus tard / E que não se diga  
mais de postergar  
L'envie que j'ai d'elle et de lui faire l'amour / O desejo que eu  
tenho dela e a vontade de fazer amor

---

<sup>1</sup> Tradução feita pelo autor, com a ajuda significativa de Wanda Conti.

Que nos fils soient des hommes non pas des adultes / Que nossos filhos sejam homens e não adultos  
Et qu'ils soient ce que nous voulions être jadis / Que eles sejam o que nós gostaríamos de ser outrora  
Que nous soyons frères camarades et complices / Que sejamos irmãos, camaradas e cúmplices  
Au lieu d'être deux générations qui s'insultent / Em lugar de ser duas gerações que se insultam.

Que nos pères puissent enfin s'émanciper / Que nossos pais possam, enfim, se emancipar  
Et qu'ils prennent le temps de caresser leur femme / E que eles usem o tempo para acariciar suas mulheres  
Après toute une vie de sueur et de larmes / Após toda uma vida entre suor e lágrimas  
Et des entre-deux-guerres qui n'étaient pas la paix/ No período entre duas guerras que, portanto, não era a paz

Je déclare l'état de bonheur permanent / Eu declaro o estado de felicidade permanente  
Sans que ce soit des mots avec de la musique / Sem que isto sejam palavras com música  
Sans attendre que viennent les temps messianiques / Sem esperar que venham os tempos messiânicos  
Sans que ce soit voté dans aucun parlement / Sem que seja votado em algum parlamento

Je dis que désormais nous serons responsables / Digo que de hoje em diante nós seremos responsáveis  
Nous ne rendrons de compte à personne et à rien / Nós não prestaremos contas a ninguém e a nada  
Et nous transformerons le hasard en destin / Nós transformaremos o acaso em destino  
Seuls à bord et sans maître et sans dieu et sans diable / Sozinhos a bordo, sem mestre, sem deus e sem diabo

Et si tu veux venir passe la passerelle / E se tu queres vir passar por esta passarela  
Il y a de la place pour tous et pour chacun / Lá há lugar para todos e para cada um

Mais il nous reste à faire encore du chemin / Mas temos muito caminho a fazer  
Pour aller voir briller une étoile nouvelle / Para ir ver brilhar uma estrela nova

Je déclare l'état de bonheur permanent / Eu declaro o estado de felicidade permanente.

Uma declaração antibélica, que não foi e, certamente, não será ouvida pelas crianças iraquianas. Já sofreram com os impactos da Guerra do Golfo em 1991, período em que se calcula que mais de 200 mil iraquianos morreram em consequência do próprio conflito ou de perturbações após-guerra - o país teve mais de 12 anos de sanções econômicas -, e agora, com o conflito ocorrido com a invasão dos EUA em 2003, a situação é muito pior. Grande parte de seus pais não estão mais empregados, venderam seus poucos ativos materiais, já gastaram seus ativos monetários e os filhos sofrem com esta situação. Em janeiro de 2003, um documento confidencial da ONU (Organização das Nações Unidas), previa "*[...] que 30% das crianças do Iraque com idade superior a 5 anos, ou seja, 1,26 milhão 'ficariam em risco de morte por desnutrição' no caso de uma guerra.*" ([http://resistir.info/iraque/morte\\_crianças.html](http://resistir.info/iraque/morte_crianças.html), 2006)

A ocupação estadunidense e os conflitos entre as facções têm sido muito mais demorados do que o imaginado anteriormente. Além do risco de morte - e muitas crianças já morreram -, existem a falta de água tratada, de saneamento básico, de comida e os traumas psicológicos que qualquer conflito dessa natureza provoca. Muitos dos menores de idade se transformaram em crianças-soldados. A organização *Human Rights Watch* possui uma definição para elas. Define criança-soldado como

[...] qualquer pessoa com menos de 18 anos de idade que participe de qualquer força ou grupo armado, regular ou irregular, em quaisquer funções, as quais incluem

mas não se limitam às de cozinheiros, carregadores e mensageiros, bem como as que acompanham tais grupos, exceto se o fizerem apenas como familiares. (<http://www.hrw.org/portuguese/reports/angola2003/>, 2007)

Milhares, milhões de crianças vivenciam as guerras sem serem crianças-soldados. Adequada a elas, e a todas as crianças envolvidas em qualquer conflito, é a letra da música *Les enfants de la guerre*, feita em 1966 por Charles Aznavour.

---

**LES ENFANTS DE LA GUERRE** (Charles Aznavour) **OS FILHOS DA GUERRA**<sup>2</sup>

---

Les enfants de la guerre / Os filhos da guerra  
Ne sont pas des enfants / Não são crianças  
Ils ont l'âge de pierre / Eles têm a idade de pedra  
du fer et du sang / De ferro e de sangue  
Sur les larmes de mères / Sob as lágrimas das mães  
Ils ont ouvert les yeux / Eles nasceram , abriram os olhos  
Par des jours sans mystère / Em dias sem mistério  
Et sur un monde en feu / E num mundo em chamas

Les enfants de la guerre / Os filhos da guerra  
Ne sont pas des enfants / Não são mais crianças  
Ils ont connu la terre / Eles conheceram a terra  
A feu et à sang / A fogo e sangue  
Ils ont eu des chimères / Eles tiveram sonhos  
Pour aiguïser leur dents / Para afiar seus dentes  
Et pris des cimetières / E tomaram os cemitérios  
Pour des jardins d'enfants / Por jardins de infância

Ces enfants de l'orage / Esses filhos da tormenta  
Et des jours incertains / E de dias incertos  
Qui avaient le visage / Que tiveram sua face  
Creusé par la faim / Marcada pela fome  
Ont vieilli avant l'âge / Envelheceram antes do tempo

---

<sup>2</sup> Tradução feita pelo Prof. Carlos Alberto Penha, com a colaboração de Wanda Conti.

Et grandi sans secours / E cresceram sem amparo  
Sans toucher l'héritage / Sem tocar a herança  
Que doit léguer l'amour / Que o amor deveria legar

Les enfants de la guerre / Os filhos da guerra  
Ne sont pas des enfants / Não são crianças  
Ils ont vu la colère / Eles viram a cólera  
Étouffer leurs chants / Abafar seus cantos  
Ont appris à se taire / Aprenderam a calar-se  
Et à serrer les poings / E a cerrar os punhos  
Quand les voix mensongères / Quando as vozes mentirosas  
Leur dictaient leur destin / Lhes ditavam seu destino

Les enfants de la guerre / Os filhos da guerra  
Ne sont pas des enfants / Não são mais crianças  
Avec leur mine fière / Com seu rosto orgulhoso  
Et leurs yeux trop grand / E seus olhos muito grandes  
Ils ont vu la misère / Eles viram a miséria  
Recouvrir leurs élans / Recobrir seu entusiasmo  
Et des mains étrangères / E mãos estrangeiras  
Égorger leurs printemps / Estrangular suas primaveras

Ces enfants sans enfance / Estas crianças sem infância  
Sans jeunesse et sans joie / Sem juventude e sem alegria  
Qui tremblaient sans défense / Que tremiam indefesas  
De peine et de froid / De dor e de frio  
Qui défiaient la souffrance / Que enfrentavam o sofrimento  
Et taisaient leurs émois / E calavam suas emoções  
Mais vivaient d'espérance / Mas viviam de esperança  
Sont comme toi et moi / São como eu e você

Des amants de misère / Miseráveis amantes  
De malheureux amants / Infelizes amantes  
Aux amours singulières / De amores originais  
Aux rêves changeants / De sonhos mutantes  
Qui cherchent la lumière / Que buscam a luz  
Mais la craignent pourtant / E contudo a temem  
Car / Porque  
Les amants de la guerre / Os amantes da guerra  
Sont restés des enfants / Permaneceram crianças

Esta letra diz praticamente tudo. Estas crianças deixaram de ser crianças; seus locais de brincar são os cemitérios. Envelheceram precocemente, cresceram sozinhas, conheceram a fome, a raiva, a presença dominante de estrangeiros, a destruição, os assassinatos. Dificilmente terão amor à vida. O poema *A rosa de Hiroshima*, de Vinicius de Moraes e musicado por Gerson Conrad - integrante do extinto grupo Secos e Molhados -, é uma interessante referência a todas as crianças que morreram sob o cogumelo atômico de 1945, lançado pelos EUA em Hiroshima e Nagasaki, quando não mais havia necessidade de soltar a bomba atômica, pois o Japão estava prestes a se render. Atualmente mais países possuem arsenal nuclear e podem novamente cometer, em maiores proporções, esse crime contra a humanidade. Esta música foi gravada em 1973 no primeiro long-play do grupo *Secos e Molhados*.

---

#### **A ROSA DE HIROSHIMA** (Gerson Conrad / Vinicius de Moraes)

Pensem nas crianças / Mudadas telepáticas / Pensem nas meninas / Cegas inexatas / Pensem nas mulheres / Rotas alteradas / Pensem nas feridas / Como rosas cálidas / Mas oh não se esqueçam / Da rosa da rosa / Da rosa de Hiroshima / A rosa hereditária / A rosa radioativa / Estúpida e inválida / A rosa com cirrose / A anti-rosa atômica / Sem cor, sem perfume / Sem rosa, sem nada

---

Mais recentemente, tivemos notícias e fotos sobre crianças iranianas durante a guerra Irã-Iraque, de 1980 a 1988. Jornais traziam imagens de crianças, de adolescentes, convocados para a luta, armados com seus fuzis. Quando não combatentes, eram crianças a sofrer as agruras de uma guerra, a ouvir explosões de tiros e bombas, a caminhar pelos escombros das construções derrubadas. A letra a seguir, *Teerã*, escrita durante o conflito (em 1986) por Herbert Vianna, procurava dar uma idéia de um sofrimento que não era somente delas.

*TEERÃ (Bi Ribeiro - João Barone - Herbert Vianna)*

Por quanto tempo ainda vamos ver / Fotografias pela manhã / Imagens de dor / Lições do passado / Recentes demais pra esquecer / E o futuro o que trará / Para as crianças em Teerã / Brincar de soldado por entre os escombros / Os corpos deitados não fingem mais / E as marcas de sangue no chão são lembranças difíceis de apagar / Será que ainda existe razão pra viver / Em Teerã.

Por quanto tempo ainda vamos ter / Nas noites frias e nas manhãs / Imagens de dor / Em rostos marcados / Pequenos demais pra se defender / E o futuro o que trará / Se essas crianças vão sempre estar / Pedindo trocado pros vidros fechados / Sentando no asfalto sem perceber / Que as marcas de sangue no chão são lembranças difíceis de apagar / Será que ainda existe razão pra viver / Em Teerã.

---

De modo semelhante podemos nos lembrar das crianças irlandesas, principalmente de Ulster, da minoria católica, que percebiam que seus pais não tinham direito a voto, não possuíam os direitos civis básicos, sofriam restrições habitacionais, eram a maioria dos desempregados. Além disso, conviviam com o exército britânico, estudavam em escolas separadas, tinham bairros nos quais elas não podiam ir, sofriam com o conflito decorrente do desejo de pertencerem a um Estado: o Eire. Para muitas delas, a opção contra o preconceito, a segregação, a união forçada com o Reino Unido, acabava sendo integrar as milícias do Exército Republicano Irlandês (IRA), ao menos até 2005, quando, em decorrência dos Acordos de Paz de Sexta-Feira Santa (em 1988), o IRA anunciou o fim da luta armada.

Seus avós sofreram para que a ilha da Irlanda ficasse independente; em 1922 ela ficou, exceto a região de Ulster. Seus pais vivenciaram o Domingo Sangrento de Londonderry em 1972, "*quando soldados britânicos abriram fogo contra um protesto de rua em Londonderry [...] matando (14, no mínimo) e ferindo vários católicos.*" (CAMPOS, 2006, p. 20) Seus pais entenderam a letra de *Sunday, Bloody Sunday* e puderam



And it's true we are immune, When fact is fiction and TV is reality And today the millions cry, We eat and drink while tomorrow they die. amanhã eles morrem. The real battle just begun. To claim the victory Jesus won, On a Sunday, bloody Sunday, Sunday, bloody Sunday.	E é verdade que ficamos imunes Quando o fato é ficção e a TV realidade E hoje milhões choram Nós comemos e bebemos e A verdadeira batalha acabou de começar Para reivindicar a vitória conquistada por Jesus No domingo, sangrento domingo Domingo, sangrento domingo.
--	---

Diversas crianças em Myammar (Birmânia), na República Democrática do Congo ou em Ruanda são forçadas a testemunhar as atrocidades cometidas contra seus próprios pais, são recrutadas para participar da luta de guerrilhas ou em conflitos tribais. Aquelas que sobreviverem, carregarão as cicatrizes desta experiência por décadas. Durante, por exemplo, a recente Guerra em Angola (1975-1994), tanto o grupo UNITA (União Nacional pela Independência Total de Angola) quanto o governo central recrutaram crianças à força para atuarem no conflito, violando tratados e convenções aos quais estavam obrigados a obedecer. Segundo um relatório de 2003 da organização *Human Rights Watch*, "*A guerra viola todos os direitos da criança: o direito à vida, o direito de crescer em um ambiente familiar, o direito à saúde, o direito a desenvolver-se integralmente e o direito de ser sustentada e protegida, entre outros.*" (<http://www.hrw.org/portuguese/reports/angola2003/angolaport0503-03.htm>, 2007)

O mesmo relatório afirmava que era difícil saber o número de crianças usadas pela UNITA desde 1980, mas calculava que seis mil crianças haviam pego em armas, total que achava bastante inferior ao real. Ao passarem por cidades e vilas, soldados da UNITA forçavam crianças a segui-los. "*Apesar de algumas crianças terem trabalhado voluntariamente para a UNITA, outras foram raptadas enquanto caminhavam para suas escolas, mercados ou de volta à casa.*" (Ibidem) Faziam-nas carregar coisas, preparar a comida, ensinavam-nas a combater, principalmente as mais desenvolvidas fisicamente. A disciplina nos acampamentos era muito rígida e se tentassem fugir a punição quase sempre era a

morte, assistida por outras crianças para servir de lição. Muitos fugitivos eram executados a machadadas.

Quando estes menores de idade desobedeciam eram açoitados, espancados com bastões pesados, amarrados, forçados a cortar lenha, ficavam imersos na água por várias horas durante a noite ou ficavam sem receber alimentos.

As moças eram usadas para cozinhar, no trabalho doméstico e para carregar objetos, cumprindo papéis semelhantes aos dos rapazes. As mulheres e moças eram também oferecidas aos comandantes e convidados da UNITA, com os quais eram obrigadas a ter relações sexuais. Outras jovens eram ainda forçadas a casar-se com combatentes da UNITA. (<http://www.hrw.org/portuguese/reports/angola2003/>, 2007)

Calcula-se que de cinco a sete mil jovens menores de idade casaram-se com soldados da UNITA durante a guerra civil. *"Elas eram transformadas em "esposas" e obrigadas a cozinhar, plantar e colher, dançar e praticar atos sexuais. As que se queixassem eram espancadas e se lhes agarrassem tentando fugir, podiam ser mortas ou então suas próprias famílias eram punidas."* (Ibidem)

As forças do governo também recrutaram menores de dezoito anos (estimados em três mil) nos últimos anos de combates, mas principalmente do sexo masculino. O recrutamento forçado ocorreu principalmente em bairros mais pobres, onde existiam muitos desempregados. *"A maioria destes jovens foi treinada durante a guerra em atividades de mecânica, operação de rádio e trabalhos de reparo."* (Ibidem) Diversos, entretanto, foram treinados no uso de fuzis (AK-47), aprenderam a usar granadas, mísseis e armas antitanques. Por isso, o trabalho de reconstrução em Angola será mais difícil do que se imagina.

Mas permanecem estas questões: quantas mortes de crianças em guerras, em conflitos civis, em embates de gangues,

no confronto entre polícia e narcotraficantes, pela simples posse de armas por pessoas despreparadas? Quem fabrica estas armas para matar pessoas? Por que se protesta muito pouco contra os senhores das armas?<sup>3</sup> Quantos ditos cientistas trabalham para matanças em nome de uma suposta neutralidade da ciência? Pode-se usar para analisar esses fatos a letra de *Parabien a la Paloma*, em uma gravação que mistura castelhano e português, lançada em 1976 pelo grupo Tarancón em seu LP *Gracias a la vida*. Pode-se trocar *paloma* por moça, por adolescente, que praticamente dá no mesmo.

---

### PARABIÉN DE LA PALOMA (Rolando Alarcón)

La paloma se murió / y el palomo no sabía / Foi a pomba que morreu / e o pombo não sabia / Levanta-te minha pombinha / - ele dizia, ele dizia - / Nós iremos nos casar / assim que romper o dia / Que parabienes tristes / tengo que cantar yo

---

La paloma se murió / y el palomo está llorando / Foi a pomba que morreu / e o pombo está chorando / Pobre, pobre do pombinho / para onde irá voando? / Não há mais luzes na igreja / Nem alegrias nem cantos / Que parabienes tristes / tengo que cantar yo

La paloma se murió, / llorando se queda un niño / Foi a pomba que morreu / e chorando ficou no ninho / O homem do fuzil / nunca soube o que é carinho / Nunca entrou numa igreja / nunca acendeu um círio / Que parabienes tristes / tengo que cantar yo

La paloma se murió, / se murió con un disparo / Foi a pomba que morreu / E morreu com um disparo / Um homem fez pontaria / tendo seu fuzil na mão / Para sempre esperaram / seus irmãos dentro da igreja / Que parabienes tristes / tengo que cantar yo

La paloma se murió, / la mató un hombre cobarde / Foi a pomba que morreu / E a matou um homem covarde / sabendo que ela era inocente / Castiguemos o

---

<sup>3</sup> Sobre este tema, ver o filme **O Senhor das Armas** (*Lord of War*; EUA, 2005, direção: Andrew Nicol), que analisa o comércio de armas no mundo, principalmente após o final da Guerra Fria e para conflitos no Terceiro Mundo, notadamente na África. Baseado em uma história real, é importante para saber como agem os países ricos neste comércio.

culpado / No lo perdona el palomo, / no lo perdona su madre / Que parabienes  
tristes / tengo que cantar yo

La paloma se murió, / señores aquí presentes / Foi a pomba que morreu /  
senhores aqui presentes / Um homem vendeu o fuzil / que continua sua matança/  
disparando sobre irmãos / destruindo continentes / Que parabienes tristes /  
tengo que cantar yo

Os confrontos citados anteriormente não ocorrem somente na Ásia ou na África<sup>4</sup>; mais de onze mil crianças, em 2003, combatiam na guerra civil colombiana.

Tanto a guerrilha como as forças paramilitares lançam mão de crianças combatentes, para que cometam atrocidades. Sendo, inclusive, obrigadas a executar outros companheiros menores de idade que tentam desertar. [...] Ao menos um de cada quatro combatentes irregulares colombianos é menor de 18 anos. Destes, milhares são menores de 15 anos, idade mínima para o recrutamento de acordo com os Convênios de Genebra. (<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang>, 2006)

Estes grupos aproveitavam o desespero de crianças pobres das áreas rurais em conflito, que se engajavam para obter comida, proteção física ou simplesmente por medo. Semelhantes às crianças de rua das zonas urbanas que não tinham para onde ir e nem esperanças. Segundo um artigo publicado por Valquíria Rey em 01/02/2003,

“Um pesado pedaço de madeira, imitando um fuzil, e, algumas vezes, o resto de um cadáver são as primeiras coisas que recebem as crianças ao

---

<sup>4</sup> É bom lembrar ainda que as crianças africanas também sofrem como cobaias de grandes empresas farmacêuticas na experimentação de remédios. Sobre este tema, ver o filme *O jardineiro fiel* (*The constant gardener*), uma produção anglo-germânica de 2005, dirigida pelo brasileiro Fernando Meirelles.

ingressarem nas filas dos grupos paramilitares e guerrilheiros colombianos.

É assim que elas iniciam um treinamento de três meses, para se tornarem protagonistas do conflito interno que já dura quase quatro décadas.

Na “escola” da guerrilha e dos paramilitares, meninos e meninas, com idades que variam dos sete aos 17 anos, recebem capacitação em explosivos, aprendem a construir granadas e como atirar. Todos são treinados para matar.” (<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030201> , 2007).

Diversas destas crianças decidem por conta própria participar destes grupos guerrilheiros pois são maltratadas pelos pais e a participação no conflito é uma forma, pensam elas, de se livrarem de castigos e fainas caseiras. O desespero faz com que vejam nos grupos armados um referencial de justiça social e de melhor qualidade de vida. Muitas acabam considerando os companheiros de guerrilha como a sua família e por isso, muitas vezes, retirá-los daí acaba sendo triste para elas. E fazer com que superem traumas psicológicos é mais difícil ainda: “*Esses jovens participaram de massacres, cuidaram de seqüestrados. A convivência permanente e contínua com ações de guerra e barbárie afetou-os profundamente.*” (Ibidem) Alguns, que integravam as Autodefesas Unidas da Colômbia (maior grupo paramilitar de direita), tinham a tarefa de matar crianças cujos pais colaboravam com a guerrilha. Como ser posteriormente um adulto normal?

Em 2003 acreditavam que os pequenos combatentes na Colômbia fossem entre sete e dez mil. Para piorar, parcela significativa destas crianças pertence ao sexo feminino, algumas até com oito anos de idade. As razões para elas se alistarem são similares às dos meninos, acrescidas de causas como a tentativa de escapar de abuso sexual em suas casas. Embora os grupos em luta fossem contrários ao abuso ou ao assédio sexual aberto, não

era incomum meninas de até doze anos de idade utilizarem-se de métodos contraceptivos inapropriados para a idade delas ou procurarem abortar, caso ficassem grávidas. Frutos da estrutura social injusta em que viviam, de uma sociedade altamente estratificada, essas crianças perdem parte de sua infância, “*envelhecem*” rapidamente e pouco ouviram cantigas de ninar. Nunca ouviram, por exemplo, a canção a seguir, gravada pelo grupo brasileiro de nome Tarancón, formado em 1972 por artistas de países da América Latina, com o nome inspirado em uma mina de carvão espanhola que desabou causando a morte de muitos trabalhadores, que deixaram mulheres e filhos, por isto, viúvas e órfãos (história contada na canção *En la mina del Tarancón*, gravada pelo mesmo grupo).

Deixaram de ouvir *Duerme Negrito*, que sua mãe poderia ter cantado, retratando a dificuldade materna de ter que trabalhar no campo e o seu amor pelo filho. Certas canções são fundamentais para um crescimento mais sadio. Foi também gravada por Mercedes Soza e outros; é uma adaptação do folclore antilhano<sup>5</sup>.

---

**DUERME NEGRITO** (adapt. do folclore antilhano: Halter Maia/Bola de Nieve)

Duerme, duerme, negrito, / que tu mamá está en el campo, / negrito... /  
Duerme, duerme movila/ que tu mama esta em el campo, movila

Te va a traer codornices para ti. / Te va a traer rica fruta para ti. / Te va a  
traer carne de cerdo para ti. / Te va a traer muchas cosas para ti /  
Y si el negro no se duerme, / viene el diablo blanco / Y; ¡zas! Le come la patita,  
/ chicapumba, chicapumba, apumba chicapum!

Duerme, duerme, negrito, / que tu mamá está en el campo, / negrito...

Trabajando, / trabajando duramente, / Trabajando sí. / trabajando y no le  
pagan, / Trabajando sí. / trabajando y va tosiendo, / Trabajando, sí. /

---

<sup>5</sup> Para alguns, essa adaptação foi feita por Halter Maia e Bola de Nieve; para outros, é uma adaptação musical de Atahualpa Yupanqui.

trabajando y va de luto, / Trabajando sí. / Para el negrito chiquitito, / trabajando, sí. / Duramente, sí. / Va tosiendo, sí. / Va de luto, sí. / Duramente, sí

Duerme, duerme, negrito, / que tu mama está en el campo, / negrito...

Também ocorreram problemas com crianças presenciando, participando, sofrendo e morrendo em guerras recentes na "civilizada" Europa. A Iugoslávia, país que se formou após a 2ª Guerra Mundial, era uma federação constituída por seis repúblicas (Sérvia, Croácia, Eslovênia, Montenegro, Macedônia e Bósnia-Herzegóvina), cinco povos (cada uma das repúblicas, exceto a Bósnia-Herzegóvina que reunia três grupos étnico-culturais: muçulmanos, sérvios e croatas), quatro línguas (servo-croata, eslovena, macedônica e albanesa), três religiões (cristã católica, cristã ortodoxa e muçulmana), dois alfabetos (os croatas utilizam-se de caracteres latinos enquanto os sérvios escrevem em caracteres cirílicos) e um partido político que procurou consolidar uma nacionalidade iugoslava, mas fracassou neste aspecto.

A morte do líder iugoslavo Josip Broz Tito em 1980, a desintegração do leste europeu em 1989-90, o fracasso do governo colegiado após 1980, provocaram reivindicações separatistas, e a desagregação do Estado iugoslavo por elas provocada permitiu a eclosão de "guerras étnicas". Estes conflitos acabaram se concentrando na Bósnia, uma república concebida por Tito como um território-tampão entre a Sérvia e a Croácia. A Bósnia abrigava muçulmanos (44%), sérvios (36%) e croatas (20%). "A Guerra da Bósnia (1992-1995) envolveu exércitos dos três grupos étnico-culturais e, entre seus horrores, figuraram massacres e deportações em massa de civis, vítimas das 'limpezas étnicas'. O conflito encerrou-se após a intervenção de forças da Otan." (MAGNOLI; ARAUJO, 2.000, p. 270-271) Faltou acrescentar a existência de campos de estupro, em uma tentativa de que mulheres muçulmanas carregassem filhos sérvios em suas barrigas.

A capital da Bósnia era Sarajevo e ela foi em grande parte reduzida a ruínas. Crianças que não morreram, vivenciaram os horrores do conflito: bombas, tiros, violência, fome etc.

Algumas jovens carregavam filhos fruto dos estupros que sofreram. Como imaginar que são atualmente adultos normais? No período do conflito (1995), Bono Vox, do conjunto U2, fez a letra de *Miss Sarajevo*, que colocava algumas questões que certamente muitas crianças faziam. A canção descrevia um concurso de beleza que ocorreu durante o conflito, com grupos de moradores tentando conduzir a vida de " *modo normal*". Foi realmente montada uma competição de beleza na cidade.

### MISS SARAJEVO (U2)

### MISS SARAJEVO<sup>6</sup>

Is there a time for keeping your distance / Existe uma época para se manter distante  
A time to turn your eyes away. / Uma época para evitar olhar?  
Is there a time for keeping your head down / Existe uma época para baixar a cabeça  
For getting on with your day. / Para ir em frente com seu dia?

Is there a time for kohl and lipstick / Existe uma época para usar batom e maquiagem  
Is there time for cutting hair / Uma época para cortar o cabelo?  
Is there a time for high street shopping / Existe uma época para compras na avenida  
To find the right dress to wear. / Para encontrar o vestido certo para se usar?

Here she comes, heads turn around / Lá vem ela, / As cabeças se viram  
Here she comes, to take her crown. / Lá vem ela, / Para receber a coroa

Is there a time to run for cover / Existe uma época para correr para o abrigo  
A time for kiss and tell. / Uma época para beijos e confissões?  
Is there a time for different colours / Existe uma época para cores diferentes  
Different names you find hard to spell. / Nomes diferentes que você achará difíceis de soletrar?

Is there a time for first communion / Existe uma época para primeira comunhão  
A time for East 17 / Uma época para o EAST 17?  
Is there time to turn to Mecca / Existe uma época para se voltar para Meca?  
Is there time to be a beauty queen. / Existe uma época para ser uma bela rainha?

Here she comes, beauty plays the clown / Lá vem ela, / A beleza brinca de circo  
Here she comes, surreal in her crown. / Lá vem ela, / Surreal em sua coroa  
Dici che il fiume trova la via al mare / Você diz que o rio encontra seu caminho para o mar

---

<sup>6</sup> Tradução feita por Mariana Campos Zaniboni.

Che come il fiume giungerai a me / E assim como o rio você virá para mim  
Oltre i confini e le terre assetate / Além das fronteiras e dos desertos  
Dici che come fiume, Come fiume / Você diz que como o rio, semelhante ao rio

L'amore giungerà, l'amore / O amor virá, o amor  
E non so più pregare / E eu não consigo mais rezar de forma alguma  
E nell'amore non so più sperare / E eu não consigo mais acreditar no amor de  
forma alguma  
E quell'amore non so più aspettare. / E eu não consigo mais esperar pelo amor  
de forma alguma.

Is there a time for tying ribbons / Existe uma época para apertar os laços  
A time for Christmas trees. / Uma época para árvores de Natal?  
Is there a time for laying tables / Existe uma época para arrumar a mesa  
When the night is set to freeze. / Quando a noite está bastante fria?

Por que existem estas fragmentações de Estado e elas são violentas? Não afirmam que no período chamado de globalização os Estados não são mais importantes? Por que, então, temos cada vez mais Estados? Se desejam se separar, por que não fazem como a antiga Tchecoslováquia? Teremos ainda problemas na Chechênia (Rússia), na Faixa de Gaza, no Líbano, em países africanos etc.etc.etc.

O mais triste é que existem normas das Convenções de Genebra que protegem as crianças em períodos de guerra ou após as mesmas, e os governos signatários são os responsáveis por aplicá-las. "*O Direito Internacional Humanitário protege as crianças do recrutamento como soldados, exige que famílias separadas sejam reunificadas e ajuda a reconstruir a infância devastada pela guerra.*" ([http://www.icrc.org/web/por/sitepor0.nsf/iwpList2/Focus:Children\\_in\\_war](http://www.icrc.org/web/por/sitepor0.nsf/iwpList2/Focus:Children_in_war), 2007) Isso é o que afirma o Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

Mas as crianças não sofrem somente em "conflitos oficiais". Existem milhões que hoje padecem em razão das estruturas sociais criadas pelo sistema capitalista. Vejam, por exemplo, a situação do Brasil. Quantas crianças ainda morrem em razão da precariedade dos sistemas de saúde, de saneamento e habitacional? Quantas trabalham em carvoarias ou em pedreiras

clandestinas? Quantas freqüentam somente alguns anos de escola? Quantas estão abandonadas, vivendo nas ruas? Em muitas cidades brasileiras nada disso é estranho para a maioria das pessoas. Entretanto, muitas destas crianças vivem em situações parecidas com áreas em guerra.

A UNICEF calcula que 55% das mortes de crianças estão associadas à desnutrição. Isso mais de 60 anos após os estudos e as advertências de Josué de Castro (1908-1973) que desde a década de 1930 aprofundou pesquisas sobre nutrição, escreveu livros sobre a fome no Brasil e no mundo, criou organismos, presidiu a FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura), combateu as explicações de doenças com base no determinismo geográfico, o neomalthusianismo e o racismo.

Segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), no início do século XXI, um número superior a 220 milhões de crianças trabalhava, mais da metade delas em funções perigosas e com jornadas de trabalho muito longas até para um adulto. A OMS (Organização Mundial da Saúde) estima que existam 100 milhões de crianças vivendo nas ruas, sendo 10 milhões no Brasil. A maioria abusa de drogas baratas que a ajudam a fugir da realidade, a se aquecer e a matar a fome. As meninas, ainda que minoria, possuem como destino quase certo a prostituição. Há muito tempo, Francis Hime e Chico Buarque fizeram uma música chamada *Pivete*, que retratava a situação de crianças das grandes cidades brasileiras que pedem esmolas ou fazem algum serviço rápido nos semáforos. Crianças que usam canivetes para ameaçar, que fogem da polícia, que jogam futebol, que roubam carros. São também crianças sem uma infância normal.

---

### **PIVETE** (Francis Hime/Chico Buarque)

*"Monsieur have money pra mangiare."* (3 vezes)

No sinal fechado / Ele vende chiclete / Capricha na flanela / E se chama Pelé / Pinta na janela / Batalha algum trocado / Aponta um

canivete / E até/ Dobra a Carioca, olerê / Desce a Frei Caneca, olará / Se manda pra Tijuca / Sobe o Borel / Meio se maloca / Agita numa boca / Descola uma mutuca / E um papel / Sonha aquela mina, olerê / Prancha, parafina, olará / Dorme gente fina / Acorda Pinel.

Zanza na sarjeta / Fatura uma besteira / E tem as pernas tortas / E se chama Mane / Arromba uma porta / Faz ligação direta / Engata uma primeira/ E até/ Dobra a Carioca, olerê / Desce a Frei Caneca, olará / Se manda pra Tijuca / Na contramão / Dança pára-lama / Já era pára-choque / Agora ele se chama Emersão (Ayrton) / Sobe no passeio, olerê / Pega no Recreio, olará / Não se liga em freio / Nem direção No sinal fechado / Ele transa chiclete / E se chama pivete / E pinta na janela / Capricha na flanela / Descola uma bereta / Batalha na sarjeta / E tem as pernas tortas.

---

Em uma regravação de 1993, no CD *Paratodos*, Chico Buarque, além de atualizar alguns nomes (Ayrton no lugar de Emersão), fez uma introdução com palavras que ouviu da boca de crianças de rua ("*Monsieur have money pra mangiare.*"), uma mistura de francês, inglês, português e italiano, refletindo a chamada globalização, que se colocou mais palavras em nosso vocabulário somente agravou a nossa situação social.

Atualmente muitas crianças cariocas não mais se envolvem nestas atividades; agora trabalham para o tráfico de drogas.

[...] o papel de crianças e adolescentes participando em disputas territoriais das facções da droga no Rio de Janeiro tem mais em comum com a vida das "crianças-soldados" em situações de guerra do que com a vida dos membros de quadrilha como são tradicionalmente definidos e encontráveis em outros centros urbanos do mundo." (DOWDNEY, 2006, <http://www.coav.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>)

O comércio ilegal de drogas nas grandes cidades envolve normalmente violência armada, organização local paramilitar, dominação política da população dos bairros, corrupção policial

e territorialização geográfica. Sociedades muito desiguais e ausência do Estado são munições para este tipo de atividade. Enquanto o uso e o comércio de drogas forem ilegais e o Estado continuar ausente, a situação permanecerá. A vida pouco vale para narcotraficantes, fabricantes de armas e para governantes que fazem guerras para se apoderar de riquezas alheias.

Mães sub-letradas, indigentes, que têm filhos sem os desejarem, que não conseguem alimentá-los, podem acabar não entendendo o que ocorre com seus filhos. Isso é o que retrata a bela letra da canção *O meu guri*, feita por Chico Buarque em 1981.

---

### **O MEU GURI** (Chico Buarque)

Quando, seu moço, nasceu meu rebento / Não era o momento dele rebentar / Já foi nascendo com cara de fome / E eu não tinha nem nome pra lhe dar / Como fui levando, não sei lhe explicar / Fui assim levando ele a me levar / E na sua meninice ele um dia me disse / Que chegava lá / Olha aí / Olha aí / Olha aí, ai o meu guri, olha aí / Olha aí, é o meu guri / E ele chega

---

Chega suado e veloz no batente / E traz sempre um presente pra me encabular / Tanta corrente de ouro, seu moço / Que haja pescoço pra enfiar / Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro / Chave, caderneta, terço e patuá / Um lenço e uma penca de documentos / Pra finalmente eu me identificar, olha aí / Olha aí, ai o meu guri, olha aí / Olha aí, é o meu guri / E ele chega

Chega no morro com o carregamento / Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador / Rezo até ele chegar cá no alto / Essa onda de assaltos tá um horror / Eu consolo ele, ele me consola / Boto ele no colo pra ele me ninar / De repente acordo, olho pro lado / E o danado já foi trabalhar, olha aí / Olha aí, ai o meu guri, olha aí / Olha aí, é o meu guri / E ele chega

Chega estampado, manchete, retrato / Com venda nos olhos, legenda e as iniciais / Eu não entendo essa gente, seu moço / Fazendo alvoroço demais / O guri no mato, acho que tá rindo / Acho que tá

lindo de papo pro ar / Desde o começo, eu não disse, seu moço / Ele disse que chegava lá / Olha aí, olha aí / Olha aí, aí o meu guri, olha aí / Olha aí, é o meu guri.

Esta situação não só permaneceu como piorou, principalmente nas grandes cidades brasileiras. Nelas se vê crianças trabalhando para agentes do narcotráfico, tendo como ídolos os que controlam o tráfico, dão pouco valor às suas vidas e às de outros. A solução normalmente colocada nos meios de comunicação é a prisão dos mesmos em organismos prisionais, é a limpeza destas pessoas nas ruas e não se percebe que as causas estão bem antes, nas suas condições de vida e de moradia, na ausência de valores que permeia nossa sociedade, do pouco cuidado com a infância que a sociedade brasileira sempre se caracterizou. Em 2001, o grupo de punk rock paulista lançou a música *Crianças esquecidas* (faixa 17 do CD *Resistiremos até o fim*), em uma demonstração de que esses grupos de músicas pouco acessíveis aos ouvidos que não gostam de muito barulho possuem preocupações sociais muito mais que os que fazem sucesso na mídia, como demonstram as temáticas de suas letras. O mesmo se pode dizer de diversos grupos de rap dos movimentos de Hip-Hop mais conseqüentes.

---

### **CRIANÇAS ESQUECIDAS** (Calibre 12)

Com 10 ou 12 anos elas são forçadas / A venderem seus corpos serem estupradas / Sua infância só miséria e violência / Pobres meninas, diária decadência.  
Meninos trabalhando, nas minas de carvão / Com 7 ou 8 anos, trampando como um cão / Trabalho de fome, ganancioso patrão.  
Brincadeiras de infância não sabem o que é isso / Trabalhar e dormir, restou apenas isso. (bis)

---

Apesar de ser também uma banda difícil de se entender o que cantam pelo rock pesado que praticam, esta letra do conjunto Ratos do Porão é significativa por trazer o aspecto mortalidade infantil, por falar das *consciências tranquilas* dos que não têm

esse problema com seus filhos, e das *loiras* que na televisão diminuem o tempo de infância das meninas ao fazer com que elas procurem se comportar como moças, além de introduzi-las precocemente no mercado de consumo. Este último aspecto já é o início de frustrações - por não poder participar por razões econômicas - que trará conseqüências nefastas posteriormente. Esta música foi lançada em 1989 no CD *Brasil* (faixa 10), do selo Roadracer.

---

### **CRIANÇAS SEM FUTURO** (João Gordo)

---

Temos crianças mortas para exportação / Umas morrem de doença, outras de inanição / Agora a Etiópia está com inveja do Brasil / Ganhamos em miséria e mortalidade infantil / NÃO!! EU NÃO SEI / EU NÃO SEI DE NADA!

Temos aqui também um "Xou" de alienação / A gostosinha da TV que ganha grana de montão / Ronald Mac Donald's herói da molecada / Vai ganhando seus milhões vendendo merda reciclada / EU NÃO SEI / EU NÃO SEI DE NADA.

Qual será o futuro das crianças do Brasil? / Só de AIDS esse ano já morreram mais de mil / Mas nosso governo finge que não vê / Seus filhos estão seguros / Eles vão sobreviver.

Segundo a UNICEF (Fundo das Nações Unidas de Apoio à Infância), mais de um milhão de crianças é vítima de exploração sexual no mundo. No Brasil, segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), mais de cem mil crianças são vítimas da exploração sexual<sup>7</sup>. Enquanto crianças morrem nas guerras, enquanto adultos sedentos de poder provocam carnificinas,

---

<sup>7</sup> Sobre este assunto, ver o filme *Anjos do Sol* (Brasil, 2006, direção: Rudi Lagemann). A inspiração do roteiro foi a existência de uma menina apelidada de cinquenta centavos por ser este o preço que cobrava por programa. Em cidades das regiões Norte e Nordeste, em razão da pobreza, pais vendiam suas filhas; nas cidades litorâneas são utilizadas para o turismo sexual feito principalmente por estrangeiros. O filme mostra algumas práticas comuns como o leilão de meninas virgens, o papel dos aliciadores (que as compram de suas famílias), dos donos de boates, dos cafetões ou cafetinas, dos *coronéis* etc.

organizações humanitárias procuram fazer o que lhes é possível e organismos internacionais se reúnem para debater, debater, debater. Embora feita para outra situação - uma sátira às intermináveis conversações promovidas pela ONU, aliada à perplexidade frente ao fato de poder assistir em transmissão direta pela televisão um conflito armado -, a letra de *Conversação de Paz*, escrita por Sérgio Ricardo em 1971, também pode ser utilizada a respeito das longas reuniões e das poucas soluções para os problemas das crianças no mundo.

---

### CONVERSAÇÃO DE PAZ (Sérgio Ricardo)

Hoje finalmente vai ter reunião / Conversação, conversação,  
conversação de paz / Vão chegar os ministros das relações /  
Conversação, conversação, conversação de paz / De um lado o civil  
de outro o militar / Conversação, conversação, conversação de paz  
/ Variadas seitas e religiões / Conversação, conversação, conversação  
de paz / É porque a ajuda lá pro meu país / Conversação,  
conversação, conversação de paz / O caminho eu não sei o caminho  
não / Conversação, conversação, conversação de paz.

Ana-Ana-Onu / Está me dando sono / Acorda olha o dono / O dono do sono  
/ O dono do abandono / O dono do esporte clube das nações / O dono do  
ar que eu respiro / Respiro pra te amar. / Acorda / Hoje vai ter retransmissão  
/ Há um satélite artificial / Para a paz / A paz / Pela televisão.

É porque Hiroshima não foi por querer / Conversação, conversação,  
conversação de paz / O Vietnam não sei quantos milhões / Conversação,  
conversação, conversação de paz / Africafricafri como vai ficar /  
Conversação, conversação, conversação de paz / E o Oriente, Biafra  
etcétera e tal / Conversação, conversação, conversação de paz / Eis  
que de repente um pega-pra-capar / Conversação, conversação,  
conversação de paz / Dedos preparados pra apertar o botão /  
Conversação, conversação, conversação de paz.

Guerra guerra guerra / Está explodindo a terra / Acorda olha a guerra  
/ O dono da terra / O dono de toda a guerra / O dono do ar que eu

respiro / Respiro pra te amar. / Acorda, hoje vai ter retransmissão / Há um satélite artificial / Para a guerra / A guerra / Pela televisão.

---

Blá-blá-blá-blá-blá-blá ... / Conversação, conversação, conversação de paz / Blá-blá-blá-blá-blá-blá ... / Conversação, conversação, conversação de paz / Blá-blá-blá-blá-blá-blá ... / Conversação, conversação, conversação de paz.

Atualmente, quase quatro anos após a queda do Taleban, ainda vemos fotos de crianças em Cabul (Afeganistão) disputando pedaços de carvão que caem dos sacos transportados pela Cruz Vermelha para garantir a feitura de alimentos em suas casas. Filhos de fugitivos afegãos no Paquistão, de quatro a seis anos, trabalhavam em olarias colocando ao Sol os tijolos pois seu pequeno peso dificultava que amassassem os tijolos. Em Siliguri (Índia), crianças com idade inferior a 10 anos quebravam pedras na periferia da cidade.

Enquanto vivermos em um sistema de onipotência do mercado, em que "*Dados que mostraram um mercado de trabalho mais aquecido que o esperado nos EUA desagradaram os investidores*" (VIEIRA, 2007, p. B1) pois interpretaram como um sinal de que não haveria corte nos juros - por isso também fecharam em baixa as bolsas européias e latino-americanas -, é difícil alterar esta situação. E as crianças continuam morrendo pelo mundo afora, em uma castração de projetos de vida, de pessoas que poderiam um dia, quando adultas, ser agentes importantes por um mundo melhor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRECHT, Bertold. Vida de Galileu. **Teatro Completo, v. 06**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991 (Tradução: Roberto Schwarz).
- CAMPOS, Rui Ribeiro de. Irlanda do Norte. **SinproCultura**.

Campinas (SP): Sindicato dos Professores de Campinas, a. XI, nº. 63, março de 2006, p. 12-24.

CHIAVENATO, Júlio J. **Geopolítica, arma do fascismo**. São Paulo: Global, 1981 (c. Geopolítica e estratégia, 2).

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder**. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1992 (c. Geografia: teoria e realidade, 17).

DOWDNEY, Luke. **Crianças no tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro**. <http://www.coav.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?>, acessado em 08 de janeiro de 2007, às 11:30 horas.

LACOSTE, Yves. **A geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas (SP): Papyrus, 1988.

MAGNOLI, Demétrio; ARAUJO, Regina. **Projeto de ensino de Geografia: natureza, tecnologias, sociedade**. Geografia geral. São Paulo: Moderna, 2.000.

MATTOS, Carlos de Meira. **A geopolítica e as projeções do poder**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977 (c. Documentos brasileiros, 178).

MELLO, Leonel Itaussu A. **Quem tem medo da geopolítica?** São Paulo: Hucitec; Edusp, 1999 (c. Geografia: teoria e realidade, 45).

MOODIE, A. E. **Geografia e Política**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965 (c. A terra e o homem).

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1981 (c. Primeiros passos, 48).

TZU, Sun. **Arte da guerra**. Porto Alegre: L&PM, 2.000 (c. L&PM pocket).

VESENTINI, José William. **Novas geopolíticas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2004 (c. Caminhos da geografia).

VIEIRA, Fabrício. Bolsa de SP sofre queda de 4%. **Folha de São Paulo**. São Paulo: Folha da Manhã, 06/01/07, p. B1.

## SÍTIOS CONSULTADOS

[http://resistir.info/iraque/morte\\_crianças.html](http://resistir.info/iraque/morte_crianças.html), acesso em 18 de dezembro de 2006, às 23:30 horas.

<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=8999>, acesso em 19 de dezembro de 2006, às 1:15 horas..

[http://www.coav.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=51&infoid=1299&UserActiveTemplate=\\_pt&sid=105](http://www.coav.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=51&infoid=1299&UserActiveTemplate=_pt&sid=105), acesso em 08 de janeiro de 2007, às 13:25 horas.

[http://www.icrc.org/web/por/sitepor0.nsf/iwpList2/Focus:Children\\_in\\_war](http://www.icrc.org/web/por/sitepor0.nsf/iwpList2/Focus:Children_in_war), acesso em 08/01/2007, às 14:45 horas.

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030201\\_colombiarg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030201_colombiarg.shtml), acesso em 08/01/2007, às 15 horas.

<http://www.hrw.org/portuguese/reports/angola2003/angolaport0503-03.htm>, acesso em 08/01/2007, às 15:30 horas.

<http://vagalume.uol.com.br/>, acesso em 10/01/2007, às 22:50 horas.

<http://poesiacontraaguerra.blogspot.com/2006/11/guerras-por-gua.html>, acesso em 10/01/2007, às 14:55 horas.

## REFERÊNCIAS A DOCUMENTOS SONOROS (LPs e CDs)

ALARCÓN, Rolando. Parabién de la paloma. Intérprete: Tarancón. In: \_\_\_\_\_. **Gracias a la vida**. São Bernardo do Campo: Star (Copacabana), p. 1976, 1 disco sonoro, lado B, faixa 6.

AZNAVOUR, Charles. Les enfants de la guerre. Intérprete: Charles Aznavour. In: \_\_\_\_\_. **De t'avoir aimée**. Paris: EMI, p. 1966, 1 disco sonoro, lado A, faixa 3.

BUARQUE, Chico. O meu guri. Intérprete: Chico Buarque. In: \_\_\_\_\_. **Almanaque**. Rio de Janeiro: Ariola, p. 1981, 1 disco sonoro, lado A, faixa 3.

CONRAD, Gerson; MORAES, Vinicius. A Rosa de Hiroshima. Intérprete: Secos e Molhados. In: \_\_\_\_\_. **Secos & Molhados**. São Paulo: Continental, p. 1973, 1 disco sonoro, lado B, faixa 3.

- GORDO, João. Crianças sem futuro. Intérprete: Ratos do Porão. In: \_\_\_\_\_. **Brasil**. São Paulo: Roadracer, p. 1989, 1 CD, faixa 10 (também no CD **RDP ao Vivo**. São Paulo: Estúdio Eldorado, p. 1992, faixa 3).
- HIME, Francis; BUARQUE, Chico. Pivete. Intérprete: Chico Buarque. In: \_\_\_\_\_. **Paratodos**. São Paulo: RCA/BMG, p. 1993, 1 CD, faixa 11 (regravação de 1978).
- MAIA, Halter; NIEVE, Bola de (adaptação). Duerme Negrito. Intérprete: Tarancón. In: \_\_\_\_\_. **Lo único que tengo**. São Bernardo do Campo (SP): Star, p1981, 1 disco sonoro, lado A, faixa 2.
- MOUSTAKI, Georges. Déclaration. Intérprete: Georges Moustaki. In: Moustaki. **Déclaration**. Paris: Polydor, p. 1973, 1 disco sonoro, lado A, faixa 1.
- RIBEIRO, Bi; BARONE, João; VIANNA, Herbert. Teerã. Intérprete: Paralamas do Sucesso. In: \_\_\_\_\_. **Selvagem?** Guarulhos (SP): EMI, p. 1986, 1 disco sonoro, lado A, faixa 2.
- RICARDO, Sérgio. Conversação de paz. Intérprete: Sérgio Ricardo. In: \_\_\_\_\_. **Arrebentação**. Rio de Janeiro: Equipe, p. 1971, 1 disco sonoro, lado A, faixa 4.
- U2. Sunday, Bloody Sunday. Intérprete: U2. In: \_\_\_\_\_. **War**. São Paulo: Island Records/Universal Music, p. 1989, 1 disco sonoro, lado 1, faixa 1 (original de 1983).
- VOX, Bono. Miss Sarajevo. Intérprete: U2. In: \_\_\_\_\_. **The best of 1990-2000**. Rio de Janeiro: Universal Music, p. 2002, 2 CDs, CD 1, faixa 6 (gravação original de 1995).